Teatro, cinema e a ditadura civil-militar no Brasil

1968 e a Batalha da Maria Antonia

Fernando Bustamante e Maria Silvia Betti

Linha do tempo - antecedentes

1956 Polônia – greves operárias por melhores condições de trabalho em junho em Poznan são violentamente reprimidas, com mais de cem mortos. Isso pressionou a reformas lideradas por Wladyslaw Gomulka, mas eram cosméticas, e ele se alinharia à repressão à Tchecoslováquia em 1968.

Linha do tempo - antecedentes

1956 Hungria – em outubro uma manifestação em solidariedade às reformas de Gomulka foi o estopim. O slogan “morram os stalinistas” e a derrubada de uma estátua de Stálin mostram o ambiente. A repressão brutal desencadeou a revolta generalizada, e o exército soviético afogou em sangue a revolução política.

Linha do tempo - antecedentes

Outubro de 1967 – Che Guevara é assassinado na Bolívia. Em 1966, havia dito na Conferência Tricontinental “Façamos um, dois, muitos Vietnãs”.

Linha do tempo - 1968

5 de janeiro – mais de 5 mil mulheres marcham contra a guerra do Vietnã em Washington. Tem início a “Primavera de Praga”.

17 de março – Protestos massivos contra a guerra do Vietnã em Londres são reprimidos, com 86 feridos e mais de 200 presos.

4 de abril – Martin Luther King Jr. é assassinado em Memphis.

17 de abril – protestos contra a guerra do Vietnã em Berkeley, California, são reprimidos brutalmente. Como reação, ocorrem protestos em Berlim e Paris.

Linha do tempo - 1968

26 de abril – um milhão de estudantes do ensino médio e universidades paralisam as aulas contra a Guerra do Vietnã.

27 de abril – Protesto contra a guerra do Vietnã em Chicago é reprimido.

De abril a maio ocorrem ocupações de cinco prédios da Universidade de Columbia.

Março – Edson Luís é assassinado no Calabouço da UFRJ

Maio – Os estudantes se levantam na França e o movimento operário entra em cena.

Linha do tempo - 1968

6 de junho – Kennedy é assassinado.

17 de Junho – CCC ataca o Teatro Galpão destruindo cenários e atacando atores do Oficina que faziam "Roda Viva".

21 de junho – Sexta-feira sangrenta: manifestação estudantil é reprimida no Rio deixando 28 mortos (3, segundo versão oficial), centenas de feridos e mais de mil presos.

26 de Junho – Marcha dos cem mil no Rio de Janeiro.

26 a 29 de agosto – Novos protestos contra a guerra do Vietnã em Chicago são reprimidos.

Linha do tempo - 1968

Agosto – A Primavera de Praga é afogada em sangue pela repressão do exército soviético.

2 de Outubro – Massacre de Tlatelolco: repressão à manifestação estudantil assassina 48 jovens no México.

2 - 3 de Outubro – Batalha da Maria Antonia

12 de Outubro – Congresso clandestino da UNE em Ibiúna é reprimido. Mais de 700 delegados são presos.

14 de outubro – 27 presidiários organizam um protesto contra a guerra do Vietnã no Presídio Stockade, em São Francisco.

13 de dezembro – Promulgado o AI-5

1. CONGRESSO EM RECESSO POR TEMPO INDETERMINADO
2. HABEAS-CORPUS SUSPENSO PARA DELITOS POLÍTICOS
3. PODER PARA CASSAR, DEMITIR, APOSENTAR E REMOVER

ATO-5: OBJETIVO É MANTER REVOLUÇÃO

Ordem-do-dia na Escola Naval: – Aqui aprendemos lições do bom servir à Pátria

O Ministro Gama e Silva, da Justiça, anunciou às últimas horas de ontem o Ato Institucional n.º 5, baixado pelo Presidente da República, assinado por todo o Ministério após reunião do Conselho de Segurança Nacional. São as seguintes as principais decisões contidas no documento, cujo objetivo anunciado é salvar a Revolução de Março de 64:

1. São mantidas as Constituições Federal e estaduais;
2. Através do ato complementar, o Presidente da República tem o poder de decretar o recesso do Congresso, que só voltará a funcionar quando convo-

O Presidente Costa e Silva passou em revista os novos Guardas-Marinhas do Corpo de Armada. (Leia na quarta página)

Ultima Hora

Ano XVIII — Rio de Janeiro, Sábado, 14/12/1968 — N.º 5.649 — NCr$ 0,30

REI NÃO FOI DEPOSTO: PELÉ VAI À FORRA COM VICE-CAMPEÃO MUNDIAL

1968 - As greves de Contagem e Osasco

Atrasos nos salários e demissões motivam as greves nas indústrias de Contagem (MG):

- Em fevereiro, 3.500 operários da siderúrgica ACESITA;
- Em abril, 1.200 operários da Belco-Mineira decretam greve e ocupação da fábrica;
- Greve se alastra com adesões na Mannesman, RCA Vitor, Demissa, Industam, Simel, Metalúrgica Triângulo, Pollig-Haakel, Minas-Ferro e Mafersa, somando 15.000 grevistas. Após dez dias, conquistam reajuste.

1968 - As greves de Contagem e Osasco

O exemplo de Contagem é tomado pelos operários de Osasco:

- No 1 de maio 1.000 operários de Osasco levam cartazes “Minas é exemplo de luta”, “Só a greve derruba o arrocho”, etc. Contra a vontade de dirigentes pelegos, expulsa o governador Abreu Sodré do ato com ovos e pedras, e ateiam fogo ao palanque.

- Desde 1967 a oposição dirigia o sindicato e se aproximava das organizações que defendiam a luta armada. As comissões de fábrica têm papel-chave.

1968 - As greves de Contagem e Osasco

- Desde 1966, o movimento estudantil está articulado ao movimento operário, e surge o "Grupo de Osasco". Os debates da oposição se alimentam aí e também as greves estudantis.
- Criam cursos de formação marxista dentro da fábrica ("Vanguarda de Fábrica"), que permitem sobrepujar a influência dos católicos entre os operários.
- Estudantes-operários ingressam na USP e fortalecem os laços: em 1968 estudantes da Maria Antonia fazem curso de reforço com mais de 700 inscritos entre os operários.

1968: As greves de Contagem e Osasco

- Em julho, operários decretam greve e ocupam a Cobrasma e a Lonaflex. O exército reprime, prende e tortura lideranças.
- O movimento persiste de forma clandestina e terá influência nos levantes operários dos anos 1970. Contudo, boa parte de sua vanguarda deixa as fábricas para aderir à guerrilha, como José Campos Barreto, que será assassinado junto a Lamarca na Bahia, em 1971.

1968: As greves de Contagem e Osasco

- Entrevistas com participantes podem ser conferidas aqui.

"Exatamente às 9 horas da manhã de 16 de julho de 1968, quando se escutou um toque extra da sirene da Cobrasma, que marcava o início da operação de ocupação da fábrica, começava uma reunião do Conselho de Segurança Nacional. Cogitava-se, inclusive, que seria decretado o estado de sítio, porque os militares entendiam que a revolução armada já estava nas ruas."

Roque Aparecido da Silva, vice-presidente do Círculo Estudantil Osasquense (1965-1967) e 2° vice-presidente da União Paulistade Estudantes Secundários (1966-1968); secretário da Comissão de Fábrica da Cobrasma (1966-1967).

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Universidade no Brasil em 1967:

- A cada 1.000 estudantes entre 12 e 18 anos:

- 11,5 concluíram a 4º série do fundamental;
- 5,5 concluíram a 7º série do fundamental;
- 2,29 ingressaram no nível superior.

Havia 160 mil jovens matriculados, menos de 2% da população entre 19 e 25 anos.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Os “excedentes” não param de aumentar:

- 1960: 29 mil estudantes “excedentes”

- 1969: 162 mil estudantes “excedentes”

Em 1968, o número de vagas no ensino superior era cinco vezes inferior ao número de candidatos que as disputavam.

No Maio francês se dizia: **“nos reformatórios e nas prisões 95% de filhos de operários, nas universidades somente 5%”.**

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Aumento da demanda e inclusão “massiva” da pequena-burguesia:

- Reestruturação produtiva (rápida industrialização no Brasil desde a Era Vargas);
- *Baby Boom* no pós-guerra aumentou a população jovem.

No Brasil:

- Adequação às imposições dos EUA no pós-golpe;
- Início do modelo privatista de educação.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

O Movimento Estudantil já respondia às crescentes demandas no imediato pós-golpe:

- 1965: Greve da USP - “Universidade em Crise”, Renato Tapajós.

  https://www.youtube.com/watch?v=-WHtPHy_6V

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

<u>Flávio Suplicy de Lacerda é o Ministro da Educação</u>

- 1964: institui o “Dispositivo Lacerda” que concedia bolsas de estudos em universidades privadas pagas pelo Estado.
- Lei Suplicy coloca DAs e DCEs sob controle do governo.
- 1967: Constituição aprofunda o incentivo ao crescimento da educação privada com incentivos do Estado.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

O primeiro acordo foi feito em junho de 1965 mas só veio a público em novembro de 66. Instituiu-se a EPES (Equipe de Planejamento do Ensino Superior), com assessores estadunidenses para criar um "sistema ideal de ensino superior para o Brasil"

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Foram pelo menos nove acordos nos anos seguintes.

Dentre as responsabilidades da USAID/BRASIL estava a de "custear o treinamento nos Estados Unidos e/ou outros países de um máximo de 40 bolsistas ocupantes de posições administrativas-chave nas várias universidades participantes". Procedimento semelhante foi adotado para o ensino médio.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Plano Atcon (1966) - “Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira”.

Elaborado por Rudolph P. Atcon, da Universidade de Houston; Afirmou que no Brasil só existiam três universidades bem administradas e o resto era uma desordem.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

1967: “Projeto de articulação entre o ensino médio e o superior” do Conselho Federal de Educação indica “criação de novas carreiras profissionais e mudança estrutural na sistemática atual com **ginásios voltados às formas de trabalho e dois ciclos universitários**”, sendo o primeiro, de cursos técnicos, para os alunos egressos do ensino médio que **não “revelassem o pendor para os estudos longos**, de três ou mais anos letivos”; o segundo, “**para quem continuasse nas carreiras**”.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Relatório Meira Matos (1968) - Apontava entre "principais problemas do ensino":

a) crise de autoridade no sistema educacional;

b) liberdade de cátedra gerando privilégio jurídico;

c) lentidão e desordem na implantação da reforma universitária;

d) inexistência de uma liderança estudantil autêntica e democrática;

e) ausência de fiscalização da aplicação de recursos públicos. Propôs, entre outras medidas, a nomeação de diretores e reitores pelo presidente, e a limitação da autonomia universitária.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Lei da Reforma Universitária (Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968)

- **1968**: 278.295 estudantes matriculados;

- **1973**: 836.469; um aumento de 300% no número de matrículas.

Após a Reforma Universitária: aceleração na abertura de escolas particulares:

- **1968**: 153.199 matriculados no ensino público e 124.496 na rede privada;

- **1973**: 327.352 contra 309.117. Segundo o apontamento, **o ensino superior privado cresceu 410% contra 210% do ensino público.**

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

Decreto-Lei nº 464, de 11/02/1969: Institui o vestibular classificatório, pago e terceirizado.

Decreto nº 68.908, de 13 de julho de 1971: "O Concurso vestibular far-se-á **rigorosamente pelo processo classificatório**, com o aproveitamento dos candidatos até o limite das vagas fixadas no edital"

Lei nº 5.692 (11 de agosto de 1971): Passou a considerar que no ensino de 2º grau (antigo ensino médio) **predominaria uma formação voltada para a habilitação ao trabalho**, este também em consonância com os interesses profissionais regionalizados.

A Reforma Universitária e os acordos MEC-USAID

A USP procurou mecanismos para impedir o ingresso de estudantes por conta de "**deficiências do ensino secundário**" com esquemas "compensatórios" para proteger seus cursos e instituições e, com isso, manter o status de local do saber.

1967: Movimento dos excedentes: acampamento na Maria Antonia.

A ocupação da Maria Antonia e a repressão na USP

- O Reitor da USP, Gama e Silva, estava afastado exercendo o cargo de Ministro da Justiça.

- A oposição no Conselho Universitário nomeia o diretor da FFCL, Mário Guimarães Ferri, como vice-reitor. Este costura uma tímida reforma.

- A ocupação da Maria Antonia propõe uma reforma mais profunda, com um de seus principais pontos como a paridade nos conselhos (um terço para cada categoria).

A ocupação da Maria Antonia e a repressão na USP

- Gama e Silva liga para Sodré: “O Governador tem prazo até às 17 horas de hoje para tomar a Faculdade de Filosofia aconteça o que acontecer. Se, até lá o senhor não tiver cumprindo a ordem, forças federais o farão”.

- Sodré liga para Ferri e diz que precisa de um ofício solicitando a evacuação da Faculdade de Filosofia. Ferri se recusa e, no dia 8 de outubro, se demite do cargo de diretor.

A ocupação da Maria Antonia e a repressão na USP

- O novo vice-reitor indicado, Hélio Lourenço de Oliveira, se apoia nas comissões paritárias, já existentes em várias faculdades, para elaborar nova reforma.

- Após o AI-5, em abril de 1969 “aposenta” Florestan Fernandes, Jayme Tiomno e João Batista Villanova Artigas. O protesto do vice-reitor leva a novo decreto, em que ele e mais 23 professores são demitidos ou aposentados (incluindo pessoas não vinculadas à USP, como Caio Prado Júnior).